ESTADOS UNIDOS

Ataque a tiros mata Charlie Kirk, um dos nomes mais influentes da direita norte-americana, durante evento em universidade de Utah. Testemunhas falam ao **Correio**. Presidente qualifica o conservador de "grande" e "lendário"

Ativista aliado de Trump é assassinado

» RODRIGO CRAVEIRO

Josh Edelson/AFP

Charlie Kirk (D) conversa com Trump durante festa da vitória do presidente, na cidade de Phoenix (Arizona), em dezembro

Liam Bartholomew, 17 anos, tentava entrar na fila para fazer uma pergunta ao ativista conservador Charlie Kirk, 31. Cofundador do movimento *Turning Point USA* ("Ponto de Virada EUA", pela tradução literal), o influencer aliado de Donald Trump participava de um evento na Utah Valley University, em Orem, a 64km de Salt Lake City, capital do estado de Utah. "Assim que encontrei a fila de perguntas, eu estava no fundo da plateia, quando escutei o tiro. Algumas pessoas começaram a gritar e todos começaram a correr para o prédio atrás de mim", contou ao Correio."Eu me escondi atrás de uma pilastra de concreto e tentei entrar em contato com os meus pais."

Por volta de meio-dia no horário local (15h em Brasília), uma bala tinha acabado de atingir o lado esquerdo do pescoço de Kirk, que sofreu intensa hemorragia e tombou para o lado. Depois de ser levado às pressas para o hospital, não resistiu aos ferimentos. No momento do atentado, Adam Bartholomew, pai de Liam, estava em uma espécie de varanda do corredor externo da universidade. "Eu entrevistava manifestantes contrários a Kirk. Quando escutei o tiro, minha primeira reação foi me certificar de que meu filho estava bem. Ele estava lá embaixo, tentando falar com Charlie. Minha segunda reação foi pensar que poderiam ser fogos de artifício. Foi então que o caos se instalou", relatou à reportagem. A morte do influenciador foi confirmada por Trump, cerca de uma hora e meia depois.

"O grande, e mesmo lendário, Charlie Kirk, está morto. Ninguém entendia ou conquistava o coração da juventude nos Estados Unidos melhor do que Charlie. Ele era amado e admirado por todos, especialmente por mim, e, agora, não está mais entre nós", escreveu o presidente em sua plataforma Truth Social. Pouco depois, ordenou que as bandeiras dos EUA em prédios públicos fiquem baixadas a meio-mastro até às 18h de domingo. Kash Patel, diretor do FBI (a polícia federal americana), chegou a anunciar a prisão de um suspeito. Depois de interrogado, ele foi solto.

Por meio de um comunicado, a Utah Valley University informou que os disparos foram feitos a partir de um prédio situado a cerca de 180m de onde Kirk estava. Jason Chaffetz, ex-congressista de Utah, acompanhava o ativista conservador no comício e relatou que o atentado ocorreu durante uma sessão de perguntas e respostas. "A primeira pergunta foi sobre religião. Ele falou por cerca de 15 a 20 minutos. A segunda pergunta, curiosamente, foi sobre atiradores transgêneros, atiradores em massa, e no meio disso, ouviu-se o disparo", explicou um transtornado Chaffetz.

Historiador político e professor da American University (em Washington), Allan Lichtman afirmou ao **Correio** que Charlie Kirk era muito importante para a direita dos Estados Unidos. "Ele atraía o público mais jovem, com o qual os republicanos têm tido grande dificuldade em mobilizar. Mesmo com Kirk, o apoio do partido entre os jovens, nos últimos anos, está completamente destruído. Mais uma vez, a direita dirá que este não é o momento para falar sobre controle de armas. Eles têm usado essa desculpa há mais de 25 anos, desde o massacre de Columbine, em 1999. Enquanto isso, os corpos se acumulam", lamentou o estudioso.

De acordo com Lichtman, a polarização política é tão intensa nos EUA, que torna-se difícil imaginar uma piora. "Talvez aqueles políticos da direita despertem para a necessidade de se unirem, virtualmente, a cada nação democrática e adotarem mecanismos razoáveis de controle de armas. No entanto, não estou otimista."

Repercussão

A morte repercutiu entre figuras do conservadorismo. O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, afirmou que Charlie Kirk foi assassinado "por falar a verdade e defendendo a liberdade". "Amigo fervoroso de Israel, combateu as mentiras e defendeu a civilização judaico-cristã. (...) Perdemos um ser humano incrível", escreveu.

"Estou chocado. Apenas 31 anos... Charlie Kirk, jovem de bom coração, criativo e empreendedor, que dedicou sua vida a mobilizar a juventude conservadora, nos deixou de forma trágica. Mais um conservador vítima do ódio e da intolerância", reagiu o deputado federal Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Personagem da notícia

Herói dos jovens conservadores

Charlie Kirk era visto como um porta-voz eloquente por uma jovem geração do movimento de direita do presidente republicano Donald Trump. O homem de 31 anos contava com milhões de seguidores nas redes sociais, que se deleitavam com seus comentários e respostas provocativas aos detratores e àqueles que questionavam sua ideologia.

A doutrina conservadora de Kirk estava muito alinhada com a de Trump: ele apoiou as falsas acusações de fraude do presidente americano quando perdeu as eleições de 2020 e usou sua grande influência para atacar imigrantes e pessoas transgênero. Em suas palestras em universidades americanas, convidava os estudantes a debater com ele em rápidos intercâmbios que frequentemente se tornavam virais na internet, especialmente aqueles com progressistas que se opunham às suas opiniões.

Em pouco mais de dez anos, o Turning Point USA *— um movimento juvenil que Charlie Kirk ajudou a fundar quando tinha apenas 18 anos — se tornou o maior grupo de jovens conservadores dos Estados Unidos. Hoje, o Turning Point está presente em mais de 850 campi de universidades dos Estados Unidos.*

Reprodução

Flagrante do momento em que Kirk é atingido no pescoço, no lado esquerdo

Reprodução

Com forte hemorragia, tomba para trás, antes de ser socorrido por apoiadores

Jeremy King/AFP

Imagem de vídeo mostra influenciador sendo carregado em direção ao carro

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Otan ajuda a abater drones da Rússia sobre a Polônia

Pela primeira vez, países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) ajudaram a interceptar drones russos que invadiram uma nação aliada. Na madrugada de ontem, as aeronaves não tripuladas foram derrubadas sobre o espaço aéreo polonês pela própria Polônia e pelas defesas antiaéreas da Otan. Destroços de dete drones foram encontrados em território polonês, informou o Ministério do Interior. No vilarejo de Wyryki-Wola (leste), um drone caiu sobre uma casa e um carro. "Estávamos sentados e este avião sobrevoou (...) Eu disse ao meu marido: Por que este avião está fazendo tanto barulho? E de repente, houve uma explosão", relatou à agência France-Presse Alicja Wesolowska, de 64 anos, cuja casa foi destruída.

Em discurso ante o Parlamento, o presidente da Polônia, Donald Tusk, denunciou uma "provocação de grande escala" e esclareceu que foram identificadas 19 violações do espaço aéreo. Em visita a Londres, o secretário-geral da Otan, Mark Rutter, não minimizou a gravidade do incidente, apesar de a chancelaria polonesa alegar que teria sido um acidente. "(A incursão) Sendo intencional ou não, é absolutamente irresponsável, imprudente", declarou.

Para Robert Czulda, professor da Faculdade de Estudos Políticos e Internacionais da Universidade de Lodz, no centro da Polônia, o incidente da madrugada de ontem é "indubitavelmente grave". "Ele envolveu uma massiva violação do espaço aéreo polonês e provocou danos. Ao menos uma casa foi atingida. Estamos falando de uma situação em que uma guerra em larga escala está sendo travada bem próximo à fronteira com a Polônia, e isso é sempre perigoso", admitiu. No entanto, ele lembrou que, no passado, houve episódios em que drones russos pousaram em solo da Polônia. "Nesse momento, não há risco de escalada, porque nem a Rússia, e muito menos a Polônia e a Otan, querem uma guerra aberta. O que esses atores desejam é aliviar as tensões na região e criar uma barreira eficaz contra as agressões da Rússia", observou.

Czulda acredita ser difícil avaliar as causas reais da incursão de drones. Ele não descarta um erro ou um desvio de rota das aeronaves não tripuladas. "Mas pode ter sido uma ação deliberada, com o objetivo de provocação, agitando as emoções na Polônia, que, atualmente, está altamente polarizada. No país, os sentimentos anti-ucranianos estão crescendo por várias razões. Também pode ser um teste para o sistema defensivo polonês", disse o estudioso. "Vale lembrar que, ao mesmo tempo, na Lituânia, vagões-tanque ferroviários pertences à Orlen Lietuva — empresa lituana de processamento de petróleo bruto, de propriedade do grupo polonês Orlen — explodiram. Não se pode descartar que não tenha sido um acidente."

Wojtek Radwanski/AFP

Alicja (E) e o marido, Tomasz Wesolowscy, tiveram a casa destruída, em Wyryki-Wola

"Choque de realidade"

Riki Ellison, diretor e fundador da organização Missile Defense Advocacy Alliance e especialista em mísseis, considera que a intrusão de drones no espaço aéreo da Polônia é um "verdadeiro choque de realidade para os países que fazem fronteira com a Otan, a Rússia e a Frente Oriental". "É um sinal de que não estão preparados ou bem defendidos contra os ataques diários de drones e mísseis russos contra a Ucrânia, que têm aumentado para 800 por noite nos últimos anos", avaliou. "Isso não se espalhará por mais conflitos, mas levará a capacidades defensivas mais unificadas dentro da Otan para derrotar a Rússia."

Pelo fato de a Polônia ser um território-nação da Otan, os países da aliança sempre terão o direito de defendê-la. "Isso fortalece a Otan", acrescentou Ellison. Czulda advertiu que há muito trabalho a ser feito para construir um sistema eficiente na detecção, identificação e neutralização desse tipo de ameaças. "É importante lembrarmos que as fronteiras da Polônia com Belarus, Rússia e Ucrânia se estendem por centenas de quilômetros, e avisar algo tão pequeno quanto um drone é extremamente difícil", destacou. O polonês assegurou que nenhum sistema é capaz de fornecer 100% de proteção. "Isso se aplica não apenas a drones militares, mas também a drones de contrabando, que têm aparecido com mais frequência na Polônia." (**Rodrigo Craveiro**)